

MIEIN

fernando

pessoa

**textos
informativos:
fátima
mesquita**

SA

GEIM

© Panda Books

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico e capa <i>Casa Rex</i>
Diretora comercial <i>Patth Pachas</i>	Diagramação <i>Vanessa Sayuri Sawada</i> <i>Carla Almeida</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Notas <i>Fátima Mesquita</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Estabelecimento de texto <i>Ronald Polito</i>
Assistente editorial <i>Olívia Tavares</i>	Mapa de personagens e preparação <i>Mayara Freitas</i>
	Revisão <i>Carmen T. S. Costa</i>
	Impressão <i>BMF</i>

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição de 1934, publicada por Parceria Antonio Maria Pereira e apresentação gráfica de Editorial Império, Lisboa, Portugal; e na edição de 2014, da Edições de Janeiro, com organização, apresentação e ensaios de Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P567m
Pessoa, Fernando, 1888-1935
Mensagem/Fernando Pessoa. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2021. 88 pp.

ISBN 978-65-5697-121-6

1. Poesia portuguesa. I. Título.
Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

21-72067

CDD: P869.1
CDU: 82-1(469)

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

BIOGRAFIA, PESSOAL!

O genial Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, em meados de 1888, e morreu novo, aos 47 anos, na mesma cidade. Era um sujeito pacatão, tímido, nerd, que não frequentava balada nem ficava de papo com as moças ou rapazes, mas que tinha imaginação pra dar, vender, emprestar, alugar, parcelar e ainda assim continuar usando à vontade.

Fernando Pessoa perdeu o pai com apenas cinco anos de idade. Sua mãe casou-se novamente e a família foi viver na África do Sul. Ele passou nove anos por lá, onde estudou numa esco-

la de freiras irlandesas e francesas. Por isso, quando voltou pra Portugal, ainda adolescente, virou tradutor e “correspondente” comercial, que era um trampo de escrever cartas em francês e inglês tratando de negócios para firmas portuguesas que tinham assuntos com companhias estrangeiras.

A carreira não pagava lá grandes coisas e, por isso, ele passou uma boa porção da vida arranchado na casa de parentes ou alugando quarto enquanto ajudava a fazer acontecer o Modernismo no seu país. Aliás, não foi reconhecido em vida. Só ganhou crescente prestígio depois de morto e enterrado.

Quando a mãe dele voltou de vez pra Portugal, de novo viúva, e trazendo junto três filhos do segundo casamento, Pessoa providenciou uma casa pra turma, onde o próprio morou até morrer e na qual hoje funciona um museu sobre ele.

AMIGOS IMAGINÁRIOS E MUITO O QUE DIZER

O cara escrevia muito desde menino. Escrevia e metia os papezinhos todos num baú, que amontoou assim mais de 25 mil folhas de estilos variados. Nele havia poesias, peças de teatro, contos, textos de filosofia, crítica literária, traduções... e até mapas astrais e textos de magia e outras coisas místicas. O tal do baú tinha escritos nas três línguas que o espertinho dominava.

Parte do material estava ali bonitinho, batido em máquina de escrever. Mas tinha também muito troço rabiscado. E tudo isso continua sendo lido e organizado por especialistas em literatura, por isso não se espante se a qualquer hora aparecerem umas obras novas de um sujeito que defuntou no século passado.

Desde moleque, Pessoa inventava também amigos imaginários. Dava nome, data de nascimento, biografia, personalidade e até fazia o mapa astral pra vários deles. Eram o que ele mesmo batizou de **heterônimos** (essa palavra aí é um nome inventado por um autor e que ele usa quando cria obras com estilos literários diferentes do seu habitual).

Os três heterônimos mais famosos dele são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, mas o cara tinha muito mais em estoque, como Maria José, Bernardo Soares, Alexander

Search, Charles Robert Anon, Karl P. Effield, Jean Seul de Méluret, Raphael Baldaya, António Mora, barão de Teive, doutor Pancrácio e Abílio Quaresma.

VIVENDO NO MUNDO DAS LETRAS (E DOS ASTROS!)

Por um tempinho, Pessoa tentou ser empreendedor, comprando máquinas pra imprimir livros com uns cobres que havia recebido de herança depois da morte da sua vó Dionísia. Mas sua editora, a Íbis, não durou nem um ano. Porém, a vontade de falar sobre e de fazer literatura continuava forte, e assim ele lançou duas revistas: a *Orpheu* e a *Athena*.

Mas esse Fernando era, sobretudo, um curioso, estudioso obcecado, que devorava livros, rabiscava anotações e incluía muito do que lia como inspiração em seus escritos de todo tipo: prosa, versos, crítica, peças de teatro, ensaios...

O cara tinha um interesse peculiar por coisas filosóficas esotéricas, tipo cabala judaica, sufismo árabe, Nostradamus, mitologia greco-romana, templários, astrologia e teretetés místicos variados. Chegou até a psicografar, que é quando baixa um espírito e a pessoa (no caso, o Pessoa) dana a escrever como se tivesse virado robô de um morto. Ele gostava também de tentar adivinhar o futuro, fazendo profecias (que via de regra eram bem furadas). Dizem que uma vez Pessoa desistiu de um encontro marcado com a brasileira Cecília Meireles, outra craque da poesia, porque ele consultou os astros e viu que havia uma conjunção dos planetas que não era muito propícia para aquela reuniãozinha.

Além disso, Nando nunca foi muito bom nas coisas do coração. Ofélia Maria Queiroz Soares teria sido a sua única namorada, mas mesmo assim nunca rolou casório nem nada. Se bem que há textos dele que falam muito de uma inglesa loira. Será que ele teve mesmo um cacho sério com ela?

Fernando Pessoa acreditava num deus que não tinha nada a ver com a estrutura da Igreja Católica – e isso aparece com força nesta obra aqui, com a ideia da criação de um novo Portugal que teria um pé no Sebastianismo e outro no tal do Quinto Império (segura aí que tem explicação disso ao longo do livro).

ESSE LIVRO DESSA PESSOA

O começo do século XX foi uma zorra total em Portugal – na verdade, no mundo! O rei dom Carlos e o seu filho mais velho foram assassinados em Lisboa no comecinho de 1908, e dois anos depois o país aposentava a monarquia e virava república, com uma revolução.

Aí veio a Primeira Guerra Mundial correndo solta na Europa entre 1914 e 1918. Depois teve a queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que causou quebradeira geral, pobreza e desgrama pelada no que entrou pra história como a Grande Depressão. E, finalmente, em 1933, começava o tal Estado Novo, que foi uma ditadura liderada por António de Oliveira Salazar e que se estendeu por inacreditáveis 41 anos. Pois foi no meio dessa balbúrdia toda, entre 1913 e 1934, que Pessoa escreveu os poemas que foram reunidos nesta *Mensagem*.

A publicação, aliás, rolou por conta de um concurso, o Prêmio Antero de Quental, criado pelo departamento de propaganda nacional português da recém-lançada ditadura, e que exigia nas regras um número xis de páginas. Então Pessoa juntou poemas daqui e de acolá, esticou um pouco a conversa, e no final conseguiu criar um conjunto que tem a levada do épico. Quando chegou a hora de criar um título, pensou numa expressão latina que quer dizer “a inteligência (a mente) move o mundo (a matéria)” – *Mens agitat molem* – e que aparece em *Eneida*, escrito pelo Virgílio. Daí, ele cortou umas letras e ficou com MENS AG(itat) (mol)EM.

É PÔ E É PICO

As palavras “epopeia” e “épico” são farinha do mesmo saco e se referem a uma sequência de poemas que falam de acontecimentos grandiosos e definidores da história. O texto tem sempre um herói como personagem principal e é, no final, uma babação de ovo imensa sobre um povo.

A semente desse gênero literário está no grego Homero, que escreveu *Ilíada* e *Odisseia*. Depois, vem o romano Virgílio com o seu *Eneida* e, em Portugal, Luís Vaz de Camões (1524-80), que escreveu a grande epopeia da nossa língua: *Os Lusíadas*.

Pois Fernando Pessoa bebe altos goles dessas três fontes quando faz seu épico *Mensagem* falando de um herói maior, o mito que virou o Sebastião, e da história de poder e fama e grana e coragem dos reis e dos navegadores que fizeram de Portugal um pequeno país enorme, com tantas colônias e tanta influência no mundo. Só que, dali a pouco, os portugueses perdem isso tudo, a partir do século XVII, passando a viver em ritmo de decadência, só na saudade dos tempos de ouro. Ah, mas tudo bem – diz Pessoa – porque temos aí a certeza de que um dia a gente vai voltar a ser igual ou até mesmo melhor que antes, virando inclusive o tal do Quinto Império, poderosão total. E por que isso aconteceria? Ah, porque está escrito nas estrelas.

Então, é isso o épico *Mensagem*. É um livro sobre a saudade como marca registrada portuguesa. Um texto todo nacionalista e que, por isso mesmo, se encaixava como luva na mão pesada da ditadura do Estado Novo. E que além disso vem entupido de simbolismos esotéricos e de dados da história portuguesa, que aqui a gente pica, traduz, **explica**, cozinha, bate no liquidificador e até ilustra pra que todo mundo possa entender e curtir sem sofrência.

Fátima Mesquita

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

E Comentários curtos e curiosidades.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

	BRASÃO	15
I.	OS CAMPOS	16
	<i>Primeiro: O dos castelos</i>	17
	<i>Segundo: O das quinas</i>	20
II.	OS CASTELOS	21
	<i>Primeiro: Ulisses</i>	22
	<i>Segundo: Viriato</i>	23
	<i>Terceiro: O Conde D. Henrique</i>	25
	<i>Quarto: D. Tareja</i>	26
	<i>Quinto: D. Afonso Henriques</i>	27
	<i>Sexto: D. Dinis</i>	28
	<i>Sétimo (I): D. João o Primeiro</i>	29
	<i>Sétimo (II): D. Filipa de Lencastre</i>	30
III.	AS QUINAS	32
	<i>Primeira: D. Duarte, Rei de Portugal</i>	33
	<i>Segunda: D. Fernando, Infante de Portugal</i>	35
	<i>Terceira: D. Pedro, Regente de Portugal</i>	36
	<i>Quarta: D. João, Infante de Portugal</i>	37
	<i>Quinta: D. Sebastião, Rei de Portugal</i>	39
IV.	A COROA	40
	<i>Nun'Álvares Pereira</i>	41
V.	O TIMBRE	42
	<i>A cabeça do grifo: O Infante D. Henrique</i>	43
	<i>Uma asa do grifo: D. João o Segundo</i>	44
	<i>A outra asa do grifo: Afonso de Albuquerque</i>	45

SEGUNDA**PARTE**

	MAR PORTUGUÊS	47
I.	O Infante	48
II.	Horizonte	49
III.	Padrão	50
IV.	O mostrego	52
V.	Epitáfio de Bartolomeu Dias	53
VI.	Os Colombos	54
VII.	Ocidente	56
VIII.	Fernão de Magalhães	57
IX.	Ascensão de Vasco da Gama	58
X.	Mar português	59
XI.	A última nau	62
XII.	Prece	63

TERCEIRA**PARTE**

	O ENCOBERTO	65
I.	OS SÍMBOLOS	66
	<i>Primeiro:</i> D. Sebastião	67
	<i>Segundo:</i> O Quinto Império	68
	<i>Terceiro:</i> O desejado	69
	<i>Quarto:</i> As ilhas afortunadas	70
	<i>Quinto:</i> O encoberto	72
II.	OS AVISOS	73
	<i>Primeiro:</i> O Bandarra	74
	<i>Segundo:</i> Antônio Vieira	75
	<i>Terceiro:</i> ('Screvo meu livro à beira-mágoa...)	76

III.

OS TEMPOS

77

Primeiro: Noite

78

Segundo: Tormenta

79

Terceiro: Calma

80

Quarto: Antemanhã

81

Quinto: Nevoeiro

83

***BENEDICTUS DOMINUS DEUS
NOSTER QUI DEDIT NOBIS SIGNUM.***

B Do latim:
"Bendito seja Deus
Nosso Senhor que
nos deu o Verbo".



PRIMEIRA PARTE

BRASÃO

BELLUM SINE BELLO.

Brasão é tipo uma logomarca das famílias de nobres, usado especialmente quando saíam na briga com outras pessoas. Por isso é também chamado de escudo de guerra. O brasão neste livro aqui é o que identifica a família do rei português lá do século XII.

E Do latim:
"Guerra sem
armas" ou "Guerra
sem combate".

I.

OS CAMPOS

PRIMEIRO O DOS CASTELOS

A **Europa jaz**, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar **sfíngico** e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

8-12-1928

E Pessoa vai falar dos campos, que são as duas áreas que há no brasão. Aqui é sobre o campo que tem os castelos desenhados.

8 O poema é sobre a posição geográfica do país. Pessoa teria se inspirado no mapa *Europa Regina*, feito por Johann Putsch em 1537, celebrando a dinastia Habsburgo. Portugal é o elo central da coroa, que é a Espanha; o orbe, a Sicília; e o coração, a Boêmia. Outra inspiração de Pessoa teria sido *Os Lusíadas*, em que Camões se refere ao Reino Lusitano como a "cabeça da Europa".

E Os poemas originais de Pessoa trazem várias anotações manuscritas. Em alguns ele colocou data, em outros, não.

Pessoa gostava de engolir algumas letras para encaixar na métrica dos poemas. "Sfíngico" tem a ver com "esfinge", adorada por gregos e egípcios. Na mitologia grega, a esfinge era uma criatura com cabeça de gente, pernas de leão e asas. A mais famosa delas devorava quem errasse seu enigma: "que bicho tem dois pés, às vezes três ou ainda quatro, e que fica mais fraco quanto mais pés tem?". Até que Édipo acertou a resposta: o homem — quando adulto, velho e criança. De tanta raiva, a esfinge se matou, jogando-se morro abaixo.



SCOTIA

HYBERNIA

ANGLIA

GALLIA

BOHEMIA

ITALIA

LUSITANIA

HISPANIA

AFRICA



SCANDIA

RUSSIA

EUROPA

HUNGARIA

GRÆCIA

ASIA

SICILIA



SEGUNDO

O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com **vileza**
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o **ungiu**.

8-12-1928

Vileza: vil,
degradante.

Ungir: abençoar.

O segundo campo do brasão traz cinco escudos, que os portugueses chamam de quinas. Dizem que cada uma representa um rei mouro que se deu mal na Batalha de Ourique, de 25 de julho de 1139. Nela, os portugueses eram liderados por d. Afonso Henriques – sua data de nascimento é imprecisa, mas ele morreu em 1185. Dentro das quinas, há cinco bolinhas brancas (os besantes). Cada uma corresponderia às chagas de Jesus quando ele foi martelado na cruz – uma em cada mão e em cada pé e a quinta era a flechada dada no peito para garantir que morresse mesmo.